



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**O SONHO DE TOLKIEN
UMA JORNADA PSICANALÍTICA**

Natanael Pedro Castoldi

Lajeado, junho de 2019

Natanael Pedro Castoldi

**O SONHO DE TOLKIEN
UMA JORNADA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado
para a disciplina de Trabalho de Conclusão
de Curso II, da Graduação em Psicologia da
Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Feldens
Schwertner

Lajeado, junho de 2019

SUMÁRIO

1	O SONHO DE TOLKIEN: UMA JORNADA PSICANALÍTICA (PRELIMINARES). ...	4
2	O SONHO DE TOLKIEN: UMA JORNADA PSICANALÍSTICA (ARTIGO).	7
3	DO TÉRMINO DESTE TCC	30
	ANEXOS	32

1 O SONHO DE TOLKIEN

UMA JORNADA PSICANALÍTICA

(PRELIMINARES)

Antes de seguirmos ao artigo que fora produzido pelo graduando de Psicologia/Univates, 2019B, Natanael Pedro Castoldi, gostaria, enquanto autor, de convidá-lo a ler algumas notas preliminares que podem auxiliá-lo na apreciação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Sou altamente suspeito para falar de Tolkien. Conheci-o do lançamento do segundo filme da trilogia cinematográfica *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (Direção: Peter Jackson: New Line Cinema, 2002. 1 DVD [179 min]) nos meus idos 9 anos de idade. Ficou registrada de modo indelével em minha mente a cena da grande batalha que encerra a produção, a Batalha do Abismo de Helm, na qual os cavaleiros do Reino de Rohan e uma força aliada de elfos se defrontam com o poderoso e demoníaco exército do mago traidor, Saruman. Sempre fui atraído pelo imaginário medieval e mítico desde a mais tenra idade, alimentado por contos de fadas, histórias bíblicas e contos familiares. Minha avó paterna é uma grande contadora de histórias. Até não ter feito quatro anos de idade, eu claramente acreditava que o mundo mágico das palavras podia emergir na realidade concreta de minha pequena vida: “ali no mato”, entardecido o dia, vagava o Bicho Papão, pois o Papão era monstro do bosque, e “lá na colina”, nalgum covil, morava o Lobo Mau – o gemido do guaraxaim apenas consolidava as minhas crenças. Aquela criança, então, via o seu mundo imaginário se transformar em sólido castelo de pedra e assistia, extasiado, àquela batalha feroz em Helm. O encantamento dos inícios da infância foi, ali, naquele momento sagrado, recuperado e traduzido em palavra e em desenho.

Desde então, passaram-se 17 anos de uma vida profundamente permeada do imaginário inspirado e produzido por Tolkien. Durante essas quase duas décadas, por volta de 2005 decidi comprar o meu terceiro livro, depois de uma introdução à cultura dos vikings e de uma história dos asiáticos hunos. Era uma obra de Tolkien! E a capa daquele livro perdido era um espetáculo que, por si mesmo, teria me arrebatado de qualquer forma: um “gigante” escamado, de longuíssima barba branca e elmo alado, emerge do mar revolto e, com seu tridente colossal, observa o corajoso e diminuto homem que ergue uma espada para o alto. Sempre fui mui facilmente enfeitiçado por

imagens, que e instigaram a escrever arduamente para traduzi-las em texto, do que realizei uma empreitada literária, altamente inspirada em Tolkien, dos meus doze aos meus dezoito anos, cujo resultado está guardado em três livros autorais que totalizam cerca de oitocentas páginas duma mitologia própria e altamente pessoal. Foi também por isso que este TCC veio a existir: fui absorvido pelo relato onírico de Tolkien e levado a produzir algo para tentar compreendê-lo e traduzi-lo

Foi, então, uma questão de anos para preencher minha estante de livros dos mais diversos sobre o erudito inglês, cujas maravilhosas leituras ajudaram a construir e solidificar boa parte da espessura do meu imaginário, dos meus desejos e da minha cosmovisão. Das minhas buscas, muitas foram inspiradas em imagens geradas em minha mente a partir do trabalho criativo de Tolkien, objetivando a contínua reexperimentação das experiências emocionais atreladas a elas. Se busquei pela graduação em Psicologia, é esperado, portanto, que algo do mestre tenha participado da escolha. É precisamente isso: da sensibilidade imaginativa, do encantamento por imagens e pelo poder da palavra, de uma vida interior fartamente nutrida de recursos para ressignificar-se e dar sentido ao mundo, a vereda dalgo como a Psicanálise, que muito aparece nesse TCC, facilmente se destacaria. Há muito poder na narrativa, há grande poder nas profundezas psíquicas do ente humano!

Ao longo da graduação, mantive-me alinhado a tal perspectiva, que também deu-me propósitos: de que modo a imagética literária e a sua escritura podem auxiliar no processo terapêutico? Comecei em Jung, mas logo compreendi que a Psicanálise freudiana seria um melhor início, pretendendo, com isso, galgar os degraus das demais perspectivas de modo ordenado ulteriormente. Aqui estou, pois, com a Psicanálise segundo Freud. E já estou ao redor deste trabalho há mais de um ano, desde antes do anteprojeto da pesquisa aqui esmiuçada.

A caminhada para a produção *d'O Sonho de Tolkien* foi prolongada e aventureira, contudo, a busca inicial, de uma forma ou de outra, foi mantida, elaborada e consumada (provisoriamente, pois tal pesquisa abre precedentes outros). Oscilando entre momentos de paragem ociosa e reflexiva, com leituras mil, e sobressaltos súbitos de inspiração, realizei o Projeto do TCC num montante de 74 páginas, com cerca de 30 páginas de elementos biográficos da vida de Tolkien, que serviu como material de consulta altamente pertinente na produção do artigo que segue. Algo similar sucedeu na produção desse TCC: sem pressa, seguindo uma linha um tanto oscilante de ação e raciocínio, vivenciei explosões de criatividade e

empolgação, sempre ocasionadas por períodos preparatórios de desapressadas leituras. Nessa caminhada, tendo em mente sugestões da banca do TCC I e toda a riqueza de observações de minha orientadora de TCC, chego ao presente momento satisfeito, consciente de ter feito o meu melhor.

Posso resumir o artigo que logo se lerá como a exposição das sensibilidades da mente e do coração de um ávido leitor de Tolkien e aspirante a psicanalista, que já há dois anos manteve em seus pensamentos o desconforto e a curiosidade intelectual pelo vazio deixado pelo filólogo britânico em seu relato biográfico: o perturbador sonho recorrente que tivera desde a infância fora “solucionado” por meio da escrita, sem maiores explicações. Que mecanismo atuou entre a realidade do sonho e a sua “solução”? Essa incógnita expõe o vazio deixado e todo o trabalho que segue é a tentativa, amparada pelo aparato teórico da Psicanálise e sob o viés metodológico biografemático, de preencher tal lapso que, a seu modo, fora, de fato, preenchido. Ademais, a leitura que logo será realizada não se trata, apenas, do interesse em explicar como foi possível a Tolkien afastar a recorrente perturbação do pesadelo por meio da literatura, mas também de uma experimentação prática do Método Biografemático: produziu-se, pois, escritura.

Gostaria de pontuar que me sinto grato por aqueles que aceitaram ler e orientar o meu escrito. Me é uma honra poder oferecer tal leitura aos olhos que agora a realizam, com a expectativa de que ela seja, na medida das suas limitações, agradável e instrutiva, do que espero, com coração humilde, todas as pontuações que parecem-lhes pertinentes para a revisão e o aperfeiçoamento deste documento.

Para melhor facilitar o trabalho avaliativo da Banca deste TCC II, convido o leitor e avaliador a ir aos anexos deste documento e tomar conhecimento das normas da revista de escolhi para a publicação do artigo. O artigo que segue possui 23 páginas, seguido de uma finalização e destes anexos.

O SONHO DE TOLKIEN

UMA JORNADA PSICANALÍTICA

RESUMO

Certas leituras pouco despertam no leitor além dos limites mesmos das palavras. Outras, porém, carregam elementos que o absorvem e o mobilizam, adquirindo vida própria e, nessa relação com a singularidade do sujeito leitor, produzindo algo novo. O presente artigo é resultado desse encontro. Das leituras das cartas e livros de e sobre Tolkien, o autor deste artigo foi tocado pelo relato de um sonho recorrente que o erudito deixou de ter após a sua representação na escrita literária. Qual mecanismo atuou entre o sonho, sua elaboração e sua consumação? Para conduzir tal incógnita, optou-se pelos pressupostos teóricos da psicanálise freudiana e pelo escopo metodológico do método biografemático, que possibilitou a produção de escritura em forma de conto a partir do problema suscitado. O conto fádico produzido decorre dessa articulação interdisciplinar entre psicanálise e literatura e sugere, dos símbolos oníricos do sonho, um conflito edipiano que só fôra devidamente trabalhado por Tolkien por meio do parricídio simbólico empreendido em sua obra mitológica.

Palavras-chave: Tolkien. Psicanálise. Literatura. Análise dos Sonhos. Método Biografemático.

1 PLANEJANDO A JORNADA – INTRODUÇÃO

O presente artigo é produto de uma entrega, de um romance do leitor com sua leitura, daquele que lê com o autor por ele lido. Não se pode sair ileso de um romance literário, com a convicção de que ele só pode acontecer quando algo daquilo que fora lido, como palavra mágica, feitiço, salta da página e, dos olhos, abocanha o corpo inteiro. A esse encantamento pela palavra, Tolkien (2017) chamaria de “Faerie”, que arrebatava e leva para “outro mundo”, Cassirer (2013) teria por “deus momentâneo”, que subjuga todo o mais ao seu arbítrio, e Barthes (2014) denominaria “biografema”, aquela “ferroada” que mobiliza o espectador. Independentemente de como o fenômeno vier a ser chamado, sempre se dará num encontro intensamente pessoal entre a personalidade leitora e a personalidade escritora, e um encontro não é outra coisa que não apenas uma soma, mas sim uma mistura, uma certa indeterminação de personalidades que, juntas, produzem novidade.

Encontrei-me, pois, com Tolkien nas leituras acerca de sua vida e de sua obra. Diante delas, eu, leitor do erudito inglês, também graduando de Psicologia, cheguei

com uma mala de viagem repleta de interesses, gostos, afinidades e também de “freuds”, de “psicanálises”, de “associações livres” e de “interpretações de sonhos”. Não podia, pois, seguir a carreira de leitor prescindindo de quem sou e daquilo que sei. E foi no desenrolar dessa amizade literária que a Faerie, ou o Biografema, apareceu-me. O vazio pediu por sentido.

Tolkien fala do sonho recorrente de uma onda que a tudo engole, um sonho que cessou de acontecer depois de elaborado em sua obra literária. Como isso aconteceu? Despertou-me a questão, pois me tocou em ponto sensível, e Freud foi convocado para trabalhar comigo nessa trama. O artigo em questão é, portanto, o produto desse meu encontro, de leitor e estudante, com Tolkien, a partir do estranhamento suscitado na leitura, que elaborei em um idílico conto pela via do método biografemático, a partir de Barthes (2014), Feil (2019) e Ribeiro (2015), e sob diretriz teórica da psicanálise freudiana, recorrendo a Freud (1996, 2013, 2016), André (2015), Bleichmar (1984) e Mednicoff (2008).

Para fins de melhor contextualizar, alguns dados biográficos sobre Tolkien serão brevemente apresentados nesta introdução. Segundo consta no livro de Humphrey Carpenter (2018), John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1892, no Estado Livre de Orange, atual África do Sul. Era filho de Arthur Tolkien e Mabel Suffield, originários da Inglaterra, que foram para o sul do continente africano em função do trabalho de Arthur. O calor do local deixara o frágil Ronald adoentado. Infeliz com o clima e a vida naquela região e tendo nascido o segundo filho, Mabel decidiu voltar à Inglaterra e permitir que os pequenos Tolkien partilhassem do Natal com sua família materna, habitante das West Midlands. Arthur iria junto de sua esposa e filhos em seguida, depois de lidar com assuntos profissionais, e Ronald esperou-o ansioso. Arthur postergou a ida e veio a falecer de febre reumática em 1896, sendo praticamente esquecido pelo seu primogênito, que nutriu alguma amargura pelo pai, visto que a desventura da família partiu de sua ausência.

Viúva, diz Carpenter (2018), Mabel precisou cuidar das crianças sozinha e passou a morar com eles em uma aldeia das West Midlands, Sarehole, uma área rural repleta de bosques onde os irmãos Tolkien viveram tempos idílicos e Ronald desenvolveu sua imaginação. Ligado à mãe e à terra de origem da família materna, Tolkien se afastou da família paterna. Sua posterior facilidade com o inglês nativo da região, o Inglês Médio, foi por ele interpretada como um vínculo de sangue com as West Midlands em função da herança recebida pela mãe. Foi em Sarehole que, como

que pressentindo o iminente esfacelamento do paraíso junto à mãe, Tolkien passou a ter um sonho que perdurou quase toda a sua vida e que foi sanado por meio de sua obra literária: uma onda imensa engolia árvores e terras verdes e ele acordava afogando-se.

Abandonada pelo restante da família, Mabel adoeceu de diabetes e faleceu em 1904. A morte da mãe, segue Carpenter (2018), foi associada por Tolkien à perda daquela vida idílica nos campos e bosques, pois deu início a uma peregrinação em casas de familiares, sempre lúgubres e em regiões urbanas e esfumaçadas.

Segundo White (2016), foi na literatura e na filologia que Tolkien encontrou um refúgio e uma possibilidade de sempre retornar aos campos e ao colo de sua mãe e essa teria sido a motivação basilar para o desenvolvimento de sua obra, de sua mitologia, que teve por estopim o encantamento pela palavra do inglês antigo “Earendel”, encontrada no poema Christ, de Cynewulf. Earendel tornou-se, então, Eärendil, personagem de sua obra ligada ao sonho da Onda Inelutável.

O sonho da Onda Inelutável foi descrito por Tolkien em 1955 nos termos de um “[...] terrível sonho recorrente (que começa com a lembrança) da Grande Onda, elevando-se e vindo inevitavelmente sobre as árvores e os campos verdes” (TOLKIEN, 2006, p. 205). Em 1964, ele o detalha como a “Onda Inelutável” (TOLKIEN, 2010, p. 329), levantando-se de um mar calmo ou “[...] elevando-se sobre as verdejantes terras do interior” do qual acordava sufocado, tendo-o por “[...] exorcizado por escrever sobre ele” (TOLKIEN, 2006, p. 329). Muito tempo antes, colocou-o nos lábios de uma personagem de sua literatura surgida espontaneamente, sem planejamento prévio, Faramir, com a qual afirmou nutrir maior identificação pessoal dentre todas as suas criações, e na atribuição de um papel a outra personagem que emergiu na história sem sua intenção consciente, Aragorn, para quem designou uma função específica na resolução do sonho da Onda, ou “Complexo de Atlântida”, ligada à destruição da Atlântida de sua obra, Númenor, ou Helena, submersa no mar, e da restauração de seu legado por Aragorn, descendente dos reis da antiga civilização (TOLKIEN, 2006).

Tolkien afirma que Faramir, quando diz o que segue, falou em “seu nome” (TOLKIEN, 2006, p. 223):

Então, de repente, tiveram a impressão de que, acima das cordilheiras das distantes montanhas, uma outra vasta montanha se ergueu, assomando como uma onda que engoliria o mundo, e em volta dela faiscavam

relâmpagos; então um tremor percorreu a terra, e eles sentiram as muralhas da cidade¹ estremecendo (...).

- Isso me faz lembrar de Númenor - disse Faramir (...)

- De Númenor? - Perguntou Éowyn².

- Sim - disse Faramir -, da terra do Ponente que soçobrou, e da grande onda escura subindo acima das terras verdes e cobrindo as colinas e avançando, uma escuridão inescapável. Eu sempre sonho com isso.

- Então você acha que a Escuridão³ está chegando? - disse Éowyn. - A Escuridão Inescapável? - E de repente ela se aproximou mais dele.

- Não - disse Faramir, olhando no rosto dela. - Foi apenas uma imagem em minha cabeça. Não sei o que está acontecendo. A razão de minha mente consciente me diz que um grande mal aconteceu e que estamos no fim dos dias. Mas meu coração diz o contrário [...] (TOLKIEN, 2000, p. 241-242).

É possível ligar o sonho da Onda a um temor da perda da mãe. O sonho começou a ocorrer antes da morte dela (CARPENTER, 2018), mas foi a morte de Mabel que Tolkien associou à perda das árvores e dos campos: “[...] A morte da mãe o separara do ar livre” (CARPENTER, 2018, p. 49). Posteriormente, o escritor associará os bosques e as campinas à figura materna (CARPENTER, 2018, p. 49): “Este amor pela lembrança dos campos de sua juventude mais tarde se tornaria parte central de suas obras, intimamente relacionado com o seu amor pela memória da mãe”. Da morte da mãe, Tolkien tornou-se pessimista, com sobressaltos de alegria e amor à vida seguidos de acessos de intenso desespero, com uma sensação de perda eminente: nada iria durar, nada era seguro. A figura materna manteve-se, para ele, como a de uma mártir (CARPENTER, 2018).

Da figura paterna, contudo, Tolkien afastou-se inteiramente desde os primeiros anos da perda do pai. A única memória ligada ao pai, Arthur, foi a dele escrevendo o seu nome e sobrenome, A. R. Tolkien, em um baú (CARPENTER, 2018). Familiares, contudo, testemunharam de como o bebê Tolkien estava confuso quando do falecimento do pai e, na casa dos avós, já na Inglaterra, parecia esperá-lo chegar pela varanda da casa em que viveram na África do Sul (CARPENTER, 2018). Pontua-se que Arthur morreu um dia antes de o pequeno Tolkien, com quatro anos, ter ditado os seguintes dizeres a serem para ele enviados em carta: “Estou tão contente de voltar para vê-lo faz tanto tempo que nos afastamos do senhor” (CARPENTER, 2018, p. 28). Desde então, porém, a memória paterna foi rejeitada e Tolkien identificou-se veementemente com a família materna, os Suffield, nela enraizando a sua identidade (WHITE, 2016).

¹ Da cidade de Minas Tirith, capital de Gondor, reino fictício criado por Tolkien.

² Éowyn é a princesa de um reino fictício criado por Tolkien, Rohan.

³ Referência a Sauron, personagem de Tolkien, inimigo de Númenor e de Gondor.

Em 24 de abril de 1944, quando seu filho, Christopher Tolkien, estava na África do Sul combatendo pelas forças britânicas na Segunda Guerra Mundial, Tolkien declara ter ignorado a própria existência do túmulo do pai até então, mas que agora que o filho estava em sua terra natal, sentia-se subitamente interessado em saber se ele ainda existia e também se a casa onde nascera ainda estava de pé (TOLKIEN, 2006). Isso foi escrito semanas antes de Tolkien redigir, em 6 de maio de 1944, a carta em que fala ao filho do surgimento de despropositado de Faramir, que logo soube estar, de alguma forma, “retardando a catástrofe” (TOLKIEN, 2006, p. 81).

Associa-se, pois, o despertar do interesse pela figura paterna ao que Faramir representa na narrativa de Númenor, de seu afundamento e de seu restabelecimento por meio de outra personagem, Aragorn⁴. Conforme visto anteriormente, Faramir compara a nuvem negra e relampejante de Mordor indo contra Gondor com a Onda que engolira Númenor. Sauron é, pois, o inimigo de Númenor e de Gondor, e onde Númenor falhou, Gondor venceu: Aragorn brandiu sua espada contra o Olho que Tudo Vê, o Olho de Sauron, e Sauron veio abaixo com sua elevadíssima torre. Estava morto. O sonho da Onda deixou de acontecer assim que Faramir e Aragorn despertaram, com seus destinos traçados. Assim, pôde ele afirmar acerca do “terrível sonho: “(Transmiti-o a Faramir.) Não acho que eu o tenha tido desde que escrevi a ‘Queda de Númenor’” (TOLKIEN, 2006, p. 205).

Para qualificar o registro anterior, que descreve e conecta o sonho da Onda à Númenor, numa clara identificação entre Tolkien e Faramir, como produto de uma escrita espontânea, é relevante observar que Tolkien afirmou que não escrevera *O Senhor dos Anéis* (2000), donde fala Faramir, para ninguém além dele mesmo, fazendo-o “[...] como uma satisfação pessoal” (TOLKIEN, 2006, p. 203) e com “[...] pouquíssimas intenções particulares, conscientes e intelectuais em mente em qualquer ponto” (TOLKIEN, 2006, p. 204). Um capítulo inteiro de *O Senhor dos Anéis* (2000) foi escrito de modo irrefletido, de tal modo que Tolkien, ao lê-lo, sentiu ter sido redigido por outra pessoa (TOLKIEN, 2006). De fato, Tolkien chegou a declarar:

Há muito deixei de inventar (apesar de até mesmo os críticos defensores ou escarnecedores nas horas vagas elogiarem minha “invenção”): aguardo até que eu pareça saber o que realmente aconteceu. Ou até que a coisa se escreva sozinha (TOLKIEN, 2006, p. 222).

⁴ Remanescente do povo de Númenor e herdeiro do trono de Gondor, como esclarecido adiante.

Assim sendo, tomo as referências de Tolkien à Onda como elaborações decorrentes de um processo de Associação Livre (FREUD, 2013), através do qual o referido sonho fora “exorcizado”. Eis meu estranhamento, o biografema: como? O que ocorreu entre a escrita do recorrente sonho e o seu “exorcismo”? É isso que o conto, feito sob os auspícios da psicanálise, procurou atender.

2 APRONTANDO AS BAGAGENS – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Roland Barthes (2014) criou o conceito de biografema a partir do instrumental que elaborou para a análise das imagens fotográficas. No livro *A Câmara Clara* (2014), Barthes declara ter percebido uma diferença de qualidade entre as diferentes fotografias que lhe chegavam: uma maioria não lhe despertava nada, tratando de uma maneira um tanto genérica e meramente ilustrativa e informativa temas em geral, sem apelos mais incisivos, enquanto uma minoria, por alguma razão, lhe agredia, balançava, tocava num ponto sensível todo seu. A primeira categoria Barthes (2014) considerou como decorrente de um contrato implícito entre o fotógrafo (“operator”) e o receptor (“spectator”): informar sem jamais excitar, transmitindo o óbvio e sendo compreendido plenamente.

À qualidade habitual da fotografia, em sua normalidade ilustrativa, Barthes (2014) chamou de “studium”. O studium é o mero “interesse geral” pelo registro, um afeto mediano e um tanto genérico. Enquanto studium, a foto é a informação intencionada pelo operator, nada mais. Há, contudo, nalgumas fotografias um ou mais “pontos cegos”, que possuem algum traço, alguma característica, algum elemento que atinge o spectator sem a “permissão” do operator, produzindo no receptor aquilo que Barthes (2014) qualificou como “uma festa” (p. 27), ou “uma aventura” (p. 28), uma casualidade que “fere” (p. 35). Studium e punctum possuem seu equivalente na literatura: traços biografemáticos, ou biografemas, são aqueles que saltam das páginas e arrebatam o leitor (BARTHES, 2014).

Ribeiro (2015) desenvolveu esse uso do método biografemático para a literatura. Na biografia também há um acordo entre o operator e o spectator: quer-se transmitir algo, aquilo que o biógrafo desejou que fosse transmitido, que é o que o spectator busca ao ler. O studium é o todo da biografia, o seu corpo, a sua intenção, a amenidade que passa despertando estranhamento ou afeto, mas sem paixão (RIBEIRO, 2015). O spectator pode ler toda uma obra biográfica e não ser tomado em

profundidade por quaisquer trechos, quaisquer imagens que os textos evocam, sem desestabilizar e capturar o leitor “[...] em nenhum momento, por nenhum aspecto (o detalhe) em particular. Esta, portanto, é uma biografia sem punctum” (RIBEIRO, 2015, p. 59).

O punctum, a “picada”, acontece quando um intruso entra na leitura e, desobedecendo a intenção do autor, rouba dele o leitor, levando-o para fora de sua intenção e fixando-o num pormenor, que passa a falar por si mesmo. Um texto sem punctum pode informar, mas dificilmente carregará o potencial criativo que o que não foi nomeado pode gerar no leitor. Quando o estranho emerge como uma fissura que pede por preenchimento, é que algo novo pode ser feito e toda a obra pode ser reinterpretada (RIBEIRO, 2015).

O biografema é, pois, o que o spectator produzirá a partir daquele punctum que rompeu a unidade do studium. O punctum quebra a unidade da obra e clama por fazer germinar uma nova forma. A forma que nasce da agressão, da paixão, daquele golpe no cerne da alma; é elaborada não por um mero biógrafo, mas também por um amigo (RIBEIRO, 2015). Tal forma é o desabrochar daquele detalhe, daquele fragmento da vida biográfica do biografado:

O biografema permite ajustar o zoom biográfico a não mais que um detalhe da vida do biografado. O objetivo desse ajuste é finalmente possibilitar a percepção daqueles detalhes, daquelas ranhuras, daquelas nuances que só podem ser vistas de perto, em atenção dedicada. O biografema fomenta essa perscrutação (RIBEIRO, 2015, p. 57).

Feil (2019) chama de biografólogo aquele que produz o biografema. Na qualidade de biografólogo, é “colado” àquele sobre quem escreve que ele verá o detalhe, ou traço biografemático (FEIL, 2019), de perto e por ele será afetado. O biografólogo fala daquele detalhe da vida do outro, mas acaba falando também sobre si mesmo, visto registrar a experiência da agressão que ocorreu-lhe no contato com a alteridade. Registra-se, pois, a vida do outro em mim.

Pode-se pensar no documento biografemático como escritura (FEIL, 2019). Enquanto escritura, a forma através da qual o biografema pode expressar-se é indeterminada: “[...] pode ser um poema, um romance, um artigo, uma monografia, uma dissertação, uma tese, um currículo” (FEIL, 2019). O punctum da biografia, do texto emerge espontaneamente das letras e gera no leitor algo novo, de modo que

também a maneira através da qual o biografólogo transmitirá a experiência com o fragmento, deverá ser flexível à natureza do produto desse encontro.

Noutros termos, busca-se produzir com e a partir das ideias dos autores (FEIL, 2019). Produz-se sempre da crise que emerge do “ponto cego”, do inominado, daquele espaço vazio que convida o leitor e biografólogo a projetar-se para dentro de si, a fazer algo com ele, a depositar ali algo seu. Biografema é, por conseguinte, o tipo de escritura que brotou de traços biografemáticos. O que o biografólogo faz é a escrita da vida mesma. Ele é, ao fim e ao cabo, convidado, seduzido pelo biografema a produzir um novo texto (FEIL, 2019). Algo nele, em sua vida Pré-Consciente, ou mesmo Inconsciente, foi despertado.

Segundo as observações de Freud, o aparelho psíquico organiza-se em Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente, no que se conhece a Primeira Tópica (FREUD, 2016). Memórias e desejos que carregam elevado teor emocional e podem ser potencialmente prejudiciais à estabilidade psíquica do sujeito recaem no Inconsciente e são dificilmente acessíveis. Aquelas memórias e desejos menos intensos, sobre os quais a consciência pode atuar com facilidade, mas que não estão sob sua luz em dado momento, ficam na instância Pré-Consciente e, se acessados, tornam-se parte do Consciente. Esse entendimento deu bases para Freud desenvolver a Segunda Tópica: Id, Ego e Superego: o Id seria a instância mais antiga do cérebro e está ligado aos instintos mais profundos de satisfação plena dos desejos. Ações ligadas a tais intensos desejos, mas fortemente repelidas pelos pais ou outras pessoas próximas como “inaceitáveis”, não podendo atingir a sua satisfação, são retidas como “esquecimento” no Inconsciente pelo Ego, que realiza a mediação do Id com o Mundo Externo, manifestando-se no sujeito por meio a introjeção da Lei, o Superego (FREUD, 2016).

Esses desejos insatisfeitos não perdem sua intensidade por terem sido feitos “esquecidos” pelo Ego. Sobrevivem no Inconsciente e procuram meios de satisfação burlando as censuras da Consciência. Um desejo dessa natureza “[...] concebe a formação de um substituto do reprimido, disfarçado e irreconhecível, para lançar à consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão” (FREUD, 2013, p. 246). O disfarce aparece sob a forma de sintomas e estes apresentam traços da ideia reprimida. Por meio do tratamento psicanalítico pode-se desvendar “[...] o trajeto ao longo do qual se realizou

a substituição, e para a recuperação é necessário que o sintoma seja reconduzido pelo mesmo caminho até a ideia reprimida” (FREUD, 2013, p. 247).

Essa “recondução do caminho do sintoma” até a sua origem, ligado à recuperação da memória reprimida, efetua-se pela técnica da associação livre. O método da associação livre, demonstra Mednicoff (2008), ocorre quando o paciente é convidado a falar tudo o que lhe vier à mente, não tendo que se atentar à coerência interna das falas. Assim, sugere Mednicoff (2008), faz-se uma abertura para a vazão do inconsciente por meio da fala involuntária. É digno de nota que Freud percebera como cada palavra dita tem alguma relação com a anterior e com a posterior, de modo que a corrente de fórmulas verbais encadeadas possui uma coerência simbólica (MEDNICOFF, 2008).

Para Freud, também é possível recorrer à análise dos sonhos para acessar os conteúdos do Inconsciente. Nas suas palavras: “A interpretação de sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente” (FREUD, 2013, p. 254). Mednicoff (2008) afirma que o sonho se forma quando uma lembrança inconsciente emerge na consciência durante o sono, burlando total ou parcialmente o arbítrio do Superego e realizando um desejo que foi reprimido. Noutras palavras, o desejo inoportuno, recalcado, busca satisfação por meio do sonho.

A análise dos sonhos também acontece por meio da técnica da associação livre: o paciente é levado pelo terapeuta a conectar cada uma das imagens de seu sonho àquilo que elas representam, ao que espontaneamente se remetem, lembrança ou sentimento, e o conjunto dessas associações, ao fim e ao cabo, revelará, diz Mednicoff (2008), uma coerência narrativa, através da qual o significado do sonho poderá ser vislumbrado. Freud (2016) entende que o terapeuta poderá encontrar a significação do sonho pela tradução dos símbolos que nele se manifestaram e que tal tradução se faz a partir das associações realizadas pelo paciente, que põem em evidência as conexões entre o conteúdo manifesto, as imagens, e o conteúdo latente, o significado.

Para Freud (2016), esses conteúdos manifestos dos sonhos estão vinculados a um desejo latente, e parte substancial dos conteúdos reprimidos remete-se aos primeiros anos da infância. Freud (2013, p. 258) entende ser possível pela interpretação dos sonhos, acessar “[...] na vida onírica a criança [...] que continua a existir na pessoa, mantendo todos os desejos e características [...]”, podendo, por meio da técnica, vislumbrar a origem dos sintomas, suprimido-a pelo

reestabelecimento da memória, como segue: “Onde existe um sintoma, existe também uma amnésia, uma lacuna da memória, cujo preenchimento suprime as condições que conduzem à produção do sintoma” (FREUD, 2013, p. 236). Um sonho se torna recorrente, por conseguinte, enquanto o desejo latente que o gerou uma primeira vez não foi satisfeito (FREUD, 2010), ou enquanto a lacuna da memória não for preenchida.

Com frequência, sugere Freud (2016), as “memórias oníricas” trabalhadas nos sonhos decorrem da primeira infância e se tornaram inconscientes em função do seu recalçamento. Segundo Freud (2016, p. 90), “[...] A memória onírica é muito mais ampla do que a memória do estado de vigília”, podendo acessar e traduzir em infindáveis símbolos linguísticos, nem sempre discerníveis pelo sonhador, conteúdos de fases anteriores ao desenvolvimento da linguagem, de modo que a interpretação das narrativas oníricas usualmente envolverá e reconstituirá os anos iniciais da vida do sujeito. Há ocasiões, contudo, em que a linguagem simbólica do sonho seguirá formas convencionais do substrato imaginativo da humanidade, expressando-se nos termos de mitos ou fábulas (FREUD, 2013) decorrentes de um material filogenético herdado pela criança de seus antepassados, capaz de emergir sem prescindir de experiências análogas (FREUD, 2016).

O próprio ato de dormir, ao desarmar o Ego, sugere um retorno ao estágio mais primitivo da existência, que segue o impulso de ser reengendrado na completude do ventre materno, naquele indiferenciado princípio da vida da criança (FREUD, 2016) e pode manifestar-se em sonho por meio do deslocamento do desejo latente para uma série de imagens que condensam em si mesmas tais conteúdos.

O recalçamento desse desejo decorre do tabu do incesto, estabelecido na relação Mãe-Bebê pela “intromissão” da figura do Pai. A Mãe, onipresente, é a base da qual o bebê extrai a continuidade do seu ser, é seu mundo, e, como tal, quando se ausenta, é como se o mundo se desfizesse (ANDRÉ, 2015), do que a criança começa a perceber que ela e a mãe são entidades singulares, e intensifica o seu investimento libidinal nela, para que ela não a abandone. Então surge o Pai, um “recém-chegado” (FREUD, 1996, p. 193), e rompe a simbiose Mãe-Bebê: a Mãe já não pertence à criança, mas ao Pai, no que temos o Complexo de Édipo que, a seu tempo, culminará na morte simbólica do Pai (BLEICHMAR, 1984) e determinará a continuidade do amadurecimento psicosssexual do infante (ANDRÉ, 2015).

Consideremos que a vida onírica da criança reaparece nos sonhos do adulto e que muito do repertório básico dos mesmos diz respeito a desejos recalcados dos anos iniciais da vida do sujeito e compreendamos que a repetição dos sonhos fala da contínua busca desses desejos de serem satisfeitos e que eles deixam de aparecer quando da sua satisfação ou do restabelecimento da memória a eles vinculada. Conjecturo, pois, que o recorrente sonho da Onda, que Tolkien tivera da infância até a meia-idade, esteja vinculado ao recalco de algum desejo ligado aos primeiros anos de vida e cujo simbolismo apresenta-se latente e passível de elaboração por meio da Associação Livre, o que fora efetuado pelo escritor por meio da escrita espontânea. Essa hipótese está disposta na forma de um conto fádico, conforme segue.

TEMPESTADE LÁ DENTRO – UMA JORNADA PSICANALÍTICA

A brisa sopra. É gelada, vinda do norte. Em seu caminho para o sul, esfria a Terra do Meio⁵. Na sua passagem, o vento é rasgado pelas garras das nuas árvores, geladas desde a seiva, num duelo noturno que se escuta de longe. Os galhos quebradiços farfalham agitados e os troncos rangem num embalo lento e firme, enquanto as raízes se comprimem, abraçando terra e pedra sob o chão. A torrente invernal uiva, o arvoredado outonal geme. Um filete de brisa encontra seu caminho pela fenda estreita da janela entreaberta daquele homem dormente, e leva consigo o som de todas as dores daquele bosque trepidante.

A nórdica brisa levantou-se nos mares congelados do Fim do Mundo e, do Norte Inominado, gelou a espinha do dragão flamejante, sacudiu as janelas da casa do Papai Noel⁶ e congelou a ponta do focinho do Grande Urso Polar. Passou pelo mar revoltoso e chegou pelas cinzentas praias, e foi para o sul, açoitando os despenhadeiros e espalhando-se pela verdejante campina, pondo de branco as Pedras em Pé⁷. A brisa, então, foi encontrando seu destino, levando consigo a própria substância do Norte Esquecido. Surra, enfim, o bosque ofendido, e passa entre os dedos daquele pé desprotegido.

⁵ Referência às West Midlands, terra dos ancestrais maternos de Tolkien, à Terra-Média da mitologia tolkieniana e da mitologia germânica.

⁶ Referência à obra Cartas do Papai Noel, de Tolkien (2012).

⁷ Localidade do livro Mestre Gil de Ham, de Tolkien (2003), que se situa nas West Midlands.

A esguia corrente gélida fez o idoso senhor contorcer-se. Subiu-lhe até o rosto e penetrou-lhe pelas narinas. O nariz enrubescido do gelo glacial, à semelhança do anão islandês, e o pulmão feito caverna de cristal, acorda, enfim, o velho adormecido. Quantos séculos dormira, afinal? De olhos fechados, viu passarem infindáveis léguas e incontáveis eras, daquela brisa que se levantou no mar e fez onda, e varreu todas as terras, engolindo todas as histórias. E acordou com medo, “Que guerreiros sois vós, trajados de couraças, que assim chegastes guiando vossa ativa nau por sobre as ruas do mar até aqui sobre águas profundas?”⁸, pensando como quem acabara de ver o desembarque de inimigos cruéis. Das frestas da madeira ao chão mil palavras ancestrais subiram e envolveram-no num chamado primal. E foi.

De pijamas, cobrindo a cabeça com aquela curiosa touca verde e protegendo os pés com meias de lã e pantufas de algodão, saiu da hobbitesca toca. O vento do norte era forte e contínuo, e açoitava o seu rosto. Aquecido com seu lençol sob as costas, notou que a Estrela Vespertina já cintilava e que estava na direção donde o vento vinha e donde bramiam as árvores em sua batalha incansável. E foi. Tendo tomado uma trilha antiga, repleta de cogumelos vermelhos e brancos que bebiam das apodrecidas vestimentas daquelas árvores agitadas, seguiu.

“Hrum, hum!”

Que será esse som oco e profundo que se repete ao longe? E que vem com rangidos de madeira trincando, e rilhando e... “Um latido? Que agudo latido é este?... Estranho não me é...”

Lá estava. O Velho Salgueiro⁹, movendo suas raízes sob a terra, para lá e para cá, e rangendo, e trincando, e rilhando, como se estivesse a conversar com um pequeno ponto branco ao chão. “Que cena estranha”, pensou. E chegou-se perto. O pontinho branco era, na verdade, um seu mui velho amigo:

– Ah! Pelas barbas do Homem da Lua! Você está aqui, Sr. Tolkien. O Salgueiro me acordou do sono que eu fazia lá dentro de suas raízes... Ele me disse que o vento frio o despertou. E me disse que ele também iria te acordar e te trazer pra cá com a Estrela.

⁸ Da tradução de Tolkien para o poema épico Beowulf (2018).

⁹ O Salgueiro-Homem de As Aventuras de Tom Bombadil, de Tolkien (2018).

– Pequeno Rover¹⁰! Lembrava de ti um pouco... maior... Mas aí está você, afinal. Só gostaria de saber como o cãozinho perdido na praia veio parar aqui, sob o Salgueiro...

– O Velho Salgueiro, Sr. Tolkien. - Fareja no ar - Bom, meu caro benfeitor, a história é longa. Meu pequeno coração de brinquedo me trouxe até aqui. Sinto que sou daqui, de perto de ti, e de nenhum outro lugar.

– Sempre soube que você era um cachorrinho esperto!

– Sei tanto quanto tu, mestre Tolkien, nem mais e nem menos. – Disse Rover enquanto se dirigia para pular sobre a pantufa do velho.

– Bom, meu caro Ronald... – E o olha atentamente, enquanto Tolkien o pega nas mãos para ouvi-lo melhor – Espero que você ainda se permita chamar-se Ronald... Ah, você sabe que sim... Talvez o mestre esteja pensando no sentido de sua vinda para cá.

– Sem dúvida estou. Está tão frio que me vejo no cimo das Montanhas Azuis... e logo tudo ficará tão branco quanto o quintal do Mago da Lua, e sei que você compreende bem tudo o que estou a falar.

– Compreendo, mestre. Mas fique bem. O velho Salgueiro-Homem, enquanto bebia sua água e cavava sua terra, lá nas raízes, engoliu um filete gelado que lhe contou todas as coisas... – A nodosa árvore voltou a ranger. Abre-se uma brecha entre as raízes e uma fenda profunda se escancara para indiscernível lugar. “Hrum, hum!”

– Tal qual Bilbo¹¹, há uma demanda para ti. Uma demanda há muito esperada. Façamos nós, pois, uma sociedade, e o mestre não tem a obrigação de ir além do que desejar.

– Para onde, Rover?

– Para ti. Se desejares, vem comigo. Te serei cão companheiro, cão ajudante, talvez não tão grande e forte como Musti, mas é claro que o mestre também não é lá um Kullervo, eu suponho... o que é bom, afinal de contas.

– Eu, “o mais débil membro da raça humana”¹²... Se sou como o trágico Kullervo¹³, descobriremos juntos. Que também estou inacabado, disso tenho certeza!

¹⁰ Protagonista do livro Roverandom, de Tolkien (2013).

¹¹ Protagonista de O Hobbit, de Tolkien (2012).

¹² Carpenter (2018, p.179).

¹³ Personagem de poema finlandês traduzido por Tolkien e com o qual ele se identificava, pois ambos perderam pai e mãe em tenra idade.

– Nós estamos, mestre Tolkien. Mas você verá que lá dentro cada Folha existe e encontra seu lugar junto à Árvore¹⁴. – Pedindo para descer, Rover saltou no solo lamacento e, latindo, correu para dentro da fenda sob o Salgueiro e, logo após a entrada da Caverna, fez-se ouvir aos ecos:

– Venha logo, velho amigo... Quem sabe encontrará a bela Fruta D'Ouro¹⁵ do outro lado... – Tolkien abriu um sorriso, largou o lençol ao vento e foi-se. O Salgueiro farfalhou ao lembrar-se da ninfa.

À frente, a escuridão era completa. Para trás ficava a tímida luz de uma aurora gelada. Intrincado de raízes, úmido e terroso, o túnel ficava mais quente na medida em que Rover guiava o mestre para o fundo. “Está ficando tão apertado... labiríntico... Se descermos mais, descobrir-me-ei um Balrog¹⁶ a roer-me por dentro?... Se fosse escorregadio e viscoso como Gollum¹⁷, deslizaria até o outro lado...”

– Não precisa ser viscoso para descer mais facilmente... Ela não te pode puxar pelas barbas, já que não as tem, mas se você segurar firme a verde touca, vai rapidinho até o final da toca... – Disse Rover pulando no ombro do senhor, que tomou as bordas da touca com as duas mãos e sentiu que delicados dedos, acompanhando a melodia de uma voz cristalina, tomaram-na e os arrastaram, sumindo imediatamente ao deixá-los cair num corrente córrego, onde as raízes do Salgueiro descansavam.

A água era rasa e puríssima. Corria sob um leito arenoso macio cravejado de selenitas. O ar estava morno sob amarelados raios solares e a água era fresca. Tolkien rapidamente sentou-se ali, no meio da suave correnteza, e olhou para adiante. O céu era azul e nuvens branquíssimas, bem definidas, passeavam por lá. O sol brilhava forte no topo do firmamento e uma grande lua estava ancorada no horizonte. Após o capim alto da margem do córrego, estendia-se uma campina salpicada de carvalhos e olmos que davam em alguns bosques mais fechados repletos de pássaros. Conforme os campos de vivo verde iam se perdendo nos bosques e os bosques se aprofundavam, se via que as árvores ficavam cada vez maiores, com troncos alvos altíssimos e retos e galhos projetados para cima coroados de folhagens douradas. No fundo da cena, que mais parecia um quadro, erguia-se uma árvore

¹⁴ Referência ao conto autobiográfico de Tolkien, Folha, de Migalha (2017).

¹⁵ Figura feminina ligada a Tom Bombadil, personagem inspirada em um brinquedo.

¹⁶ Criatura demoníaca criada por Tolkien.

¹⁷ Personagem da obra de Tolkien que habitou por séculos em cavernas úmidas.

colossal, mais alta do que todas as demais, de tronco escuro e copa cerrada, parecia antiquíssima, tão velha quanto a terra ao chão e as montanhas no horizonte.

– É um belo lugar, não concorda, Sr. Tolkien? – Rover se manifesta, estranhamente num tamanho descomunal. Tolkien permanece algum tempo em silêncio, simplesmente olhando. Então se levanta e vai à margem, onde a relva verde cresce macia, e ali deita-se.

– Sarehole... Condado... Lothlórien¹⁸... Oxford... – Com um largo sorriso – Que lugar é esse?

– É onde estão as tuas raízes, Ronald. – Disse Rover apontando para a fenda e os dedos de seiva do Salgueiro. – Eu estive na Lua, e você sabe disso. Na parte escura eu encontrei a lembrança de um menino que sonhava... ele amava árvores, campos verdes, ele “desejava dragões com um desejo profundo”¹⁹, mas nunca desejou morar com eles... Seu coração sempre esteve com as coisas que crescem. O menino sonhou e o adulto depositou tudo aos cuidados da Senhora, em seu reino onde os sonhos são vívidos e perenes.

– Desde que perdi minha M... Sarehole... Eu sempre tenho voltado para cá...

– É a tua torre segura donde se arrisca a ver o mar revolto, os dragões ferozes e as batalhas atrozes, não é, mestre?

– Você descobriu o meu esconderijo, Rover. Você descobriu o meu segredo!

– Ronald, eu moro aqui, e te vejo sempre vindo beber desta fonte Vamos em frente?

– Rover, não sei como explicar... mas eu acho que estou com medo de prosseguir. Não suportaria perder isso tudo novamente.

– Mestre, você precisa ir em frente... Veja, a Estrela está lá!

Os olhos de Tolkien brilharam e ele exclamou, levantando-se:

– “Eala Earendel engla beorhtast ofer middangeard monnum sended”²⁰. Andemos, Rover! Permita-me subir em suas costas... sempre tentei imaginar como Lúthien sentiu-se sob Huan – E seguiram em direção à imensa e distante Pinus Nigra, sua árvore favorita.

¹⁸ Reino élfico criado por Tolkien. É governado pela Senhora Galadriel.

¹⁹ Kyrmse (2003, p. 5).

²⁰ Inglês antigo para “Salve, Earendel, mais brilhante dos anjos / sobre a terra-média enviado aos homens”, do poema Crist, de Cynewulf (CARPENTER, 2018, p. 93).

O caminho coberto de grama era amplo e cercado de árvores vigorosas. A luz do sol ganhava tonalidades verdes e douradas na medida em que era filtrada pelas folhas acima. Conforme aproximavam-se da Árvore, uma suave canção élfica começou a espalhar-se pelo bosque áureo, embalada pelo som de uma pequena cascata. Chegando ao coração da floresta, o céu acima escureceu-se de súbito e foi tomado de estrelas sem fim que refletiam sua luz em pequenas flores brancas ao chão. A lua cintilava forte. O som das risadas de uma criança quebrou a melodia élfica, que foi tomada pelas canções de Bombadil, na medida em que uma sólida casa de pedras e toras, semienterrada numa colina, se aproximava aos pés da Árvore.

A oeste desce o sol: logo a treva cairá.
Quando a noite se abater, então a porta se abrirá
(...)
Salve, feliz neneca! Esperemos de porta aberta!²¹

E, misturado a uma doce voz feminil, pode-se ainda ouvir:

Linda donzela, comigo agora parta!
À casa me acompanhe! Minha mesa é farta:
tem creme, favo e pão, manteiga bem gostosa;
cresce no peitoril a mais bonita rosa.
Venha pro pé do Morro!²²

Então, de súbito, as janelas da casa-toca passaram a brilhar uma luz quente, de fogo na lareira trepidante, e a redonda porta abriu-se. Tolkien se sentiu menor a cada passo dado por Rover, e suas roupas foram ficando largas, e o rosto foi perdendo as rugas, e o cabelo voltando e recolorindo-se. Seu coração palpitou e a voz afinou. Ao cheiro de doces biscoitos quentinhos, disse então:

– Estou chegando em casa, Rover... Em casa!! – E, pulando de Rover, tropeçando nas largas meias molhadas de lã, correu para dentro daquela casa iluminada e aquecida.

– M... mãe! – Bradou.

E pequenas criaturas élficas, tal qual delicadas borboletas trajadas de vestes de fina teia, rodearam-no. Uma delas tomou-lhe a mão e guiou o pequeno Ronald por um dos corredores daquele casarão. O som do fogo queimando perfumada lenha se fez mais forte, assim como a luz ganhou mais corpo conforme se aproximaram de uma

²¹ Tolkien (2000, p. 127).

²² Tolkien (2018, p. 51).

sala mais ampla incrustada de letras vivas das mais perfeitas caligrafias, dos mais belos alfabetos conhecidos e imaginados. As letras soavam as élficas melodias e enalteciam a beleza da Senhora, da dama que estava em pé numa fonte corrente.

– “À beira do lago há muitos anos, achei a Filha do Rio, a linda e jovem Fruta D’Ouro, sentada por entre os juncos. Docemente então cantava e o coração batia!”²³

– Disse o pequeno Ronald, e ouviu em retorno:

– “E isso foi bom pra vocês; porque não hei mais de ir nas águas afundar, no meio desta floresta.”²⁴

E Tolkien abraçou-a e com ela, tal qual Ferreiro, dançou. Nos braços da Mãe, enfim. E ela cresceu, e cresceu, e ele diminuiu. Rover observava atento. E Ronald tremeu. A água aos seus pés transbordou, inundou. A Mãe cresceu e cresceu, criou casca e raiz, a Onda se levantou e engoliu todo o verde, e engoliu tudo. E tudo se perdeu.

Engolido pelo Mar. Naufragado na profundidade do Abismo tal qual Beowulf nos umbrais da casa da mãe de Grendel. Afogava-se, mas foi puxado pela gola da camisa e, retirado da água, despertou deitado em uma banheira, como quem dormia. Ofegante, olhou ao redor. Que lugar quente! Tórrido! Seco! E suave. Onde estava? A varanda era ampla e antiga, deteriorada, corroída pelos ventos do deserto. Mal conseguia respirar, e continuava buscando por ar²⁵.

– “O mais débil membro da raça humana”, de fato... – Resmungou, tomando fôlego. Rover estava ao seu lado, observando-o.

– Rover... eu tive medo. Quando Ela falou em afundar na água... Eu tremi. Eu a perdi novamente. Perdi os campos... eu a perdi... – Chorosamente, observa-se novamente na compleição do velho que era – A magia acabou. Sim, de fato, de Faramir²⁶ me falta a coragem...

– Ronald. Se Ela estivesse perdida de verdade, você não a teria encontrado e reencontrado esses anos todos... Sarehole e Mabel estiveram sempre lá, naqueles hobbits alegres sob a Árvore da Festa... em Caras Galadhon... – E, após um latido de surpresa – Interessante como, novamente, Faramir, teu porta-voz, te aparece junto da Inelutável Onda. Ele tem um papel importante, você sabe disso, não?

²³ Tolkien (2000, p. 132).

²⁴ Tolkien (2000, p. 132).

²⁵ Das memórias de Tolkien acerca dos primeiros anos de sua infância (CARPENTER, 2018).

²⁶ Personagem criado por Tolkien, apareceu na história sem ter sido previamente planejado (TOLKIEN, 2006, p. 81).

– Ele “está retardando a catástrofe”²⁷...

– Ele retardou, mestre Tolkien. Fez a Onda ir embora. Mas como? – Um momento de silêncio, a brisa quente sopra forte. – Vamos lá, quero te mostrar uma coisa... – E foram.

A casa, quase desmoronada, era cercada por um matagal sequioso, amarelado, de grama alta, mais alta que Tolkien e Rover, e só se ouvia o vento zunindo. Tudo era enfado, dor e sequidão. Sobre Rover, Ronald seguiu por uma trilha batida, arenosa. O céu estava fechado de uma fumaça escura, como que de fogo. As gramas foram aumentando e se entrelaçando, formavam um túnel abafado e opressivo, que logo estava tomado de grossas teias dalgum aracnídeo primitivo. Tolkien foi dominado por um medo desmensurado, vindo de um passado remoto²⁸.

“Estou tomado de pavor”, pensou, “sou todo medo, parece que esse medo sou eu”.

– Você é muitas coisas, Sr. Tolkien. Você é eu, a Onda que te engoliu, você é Faramir e você é essa desolação. E também é medo, teus medos. – Disse Rover. – O bosque verdejante é tua fuga deste lugar, que lá no fundo se escondeu. Talvez iria gostar que o Balrog tivesse roído toda essa profundidade... Mas aqui estamos. – E, olhando para trás, para Tolkien, concluiu – Tua verde touca está pesada. Lá dentro Earendil²⁹ entregou um pouco de sua luz estelar, num frasco cristalino... conhece-o bem, e ele te iluminará neste covil da Tarântula.

Tomando a Luz, sentiu seu sangue retomando o calor natural e, encorajado, seguiu com Rover. À frente abriu-se uma clareira no centro da qual levantava-se uma lápide tomada pela relva, esquecida aos pés de um quebradiço e retorcido eucalipto murcho, diminuto e encurvado de descoloridas bolas natalinas. O coração de Tolkien acelerou. Estava confuso. Pulou de Rover e foi até o trágico santuário. Defronte à inelegível lápide desgastada pelo tempo e pelo esquecimento, viu uma cova aberta e vazia e, no fundo, um pequeno baú fechado. Sem demora, lançou-se dentro e tomou-o nas mãos. Em bela caligrafia, pôde ler “A. R. Tolkien”³⁰.

²⁷ (TOLKIEN, 2006, p. 81).

²⁸ Quando bebê, ainda na África do Sul, fora picado por uma aranha (WHITE, 2016).

²⁹ O personagem de Tolkien, Frodo, utilizou este frasco na caverna da grande aranha Laracna (TOLKIEN, 2000).

³⁰ A imagem do pai, Arthur, escrevendo o nome em um baú foi a sua única memória vívida dele (CARPENTER, 2018).

– Meu pai! – E desabou a chorar amargamente. O chão no fundo da vazia cova tremeu e começou a desmanchar-se. Rover latia, assustado, e Tolkien afundava numa lama que esquentava-se mais e mais, a sepultura o estava engolindo. “Solte-me, Arthur! Solte-me!!” Um envelhecido cajado escuro, então, penetrou na cova e, agarrando-o, Tolkien foi de lá retirado. O fundo da sepultura desfez-se em magma e a lápide cresceu como seta até o firmamento, e lá criou pálpebras incandescentes e dominou a tudo com o seu olhar de juízo. Diante de Ronald, estava parado um silencioso velho de grande e pontiagudo chapéu verde e capa vermelha: “Der Berggeist”, exclamou Tolkien em seu pensamento.

– Pode-me de chamar de Elfo Branco, ou de Gandalf³¹, também. E eu te chamarei de Amigo-dos-Elfos, Elendil, que é o que você é.

– Elendil! Alboin! – Exclamou Tolkien.

– Você sabe que aquele a quem a mãe chamava de “elfo” em função da frágil aparência adoentada³², e que lutou a vida inteira para demonstrar a nobre grandeza dos elfos³³, fazendo-se amigo deles, é também Alboin³⁴.

– Fazemos aniversário no mesmo dia, acrescento eu.

– Absorvido pelo encantamento das palavras, pela Faerie, você sabe, Alboin foi levado pelo pai, Oswin, à Terra-Média, tal qual Eriol, ou Aelfwine, outro Amigo-de-Elfos, feito Eärendil, e... – Tolkien interrompe:

– Oswin, o pai, tendo morrido, apareceu a Alboin em sonho na Terra-Média, inserindo-o na Assombração de Atlântida. Audoin, filho de Alboin, o segue. Envolvem-se Alboin e Audoin, pois, no conflito civil da Ilha, tornando-se pai e filho rivais... Alboin, na Terra-Média fez-se Elendil, que fugiu da destruição de Númenor, consumida pela Inelutável Onda sobre a qual Faramir falou por mim... Elendil é o fundador de Gondor e... – A fala é interrompida e o silêncio impera por tempo indeterminado. Tolkien parece atônito. O Mago conclui:

– Ancestral de Aragorn, da linhagem real que sobreviveu à Inelutável Onda, ao afundamento de Helen, o legítimo rei. Onde conhecemos Aragorn, Sr. Tolkien?

– Ele... ele simplesmente apareceu, tal qual Faramir. Eu o desconhecia até chegar com Frodo e os outros hobbits na estalagem de Bri. Quando ele apareceu, não

³¹ Gandalf, personagem de Tolkien, foi inspirado na imagem de um cartão postal suíço, “Der Berggeist” (CARPENTER, 2018).

³² Carpenter (2018).

³³ Tolkien (2016).

³⁴ Tolkien (1984).

sabia quem ele era... e fiquei perturbado... Então dormi e ele encontrou-me em sonho. Acordei sabendo que era o descendente de Elendil, o rei perdido de Gondor, o sobrevivente de Númenor... aquele que foi salvo da Onda... E a Onda quase não apareceu mais³⁵.

– Ele derrotou a Onda, Sr. Tolkien? Você, nele a derrotou?

– Eis o que é.

– E contra quem ele lutou? – Gandalf questiona, deixando Tolkien atônito.

– Contra o Sauron, o inimigo de Númenor, da Terra-Média, e o Olho que a tudo vê. – Após um momento de silêncio, Tolkien olhou para trás, para a lápide feita torre de penetrante olhar, e para a cova vazia.

– Quem é você, mestre Tolkien?

– Eu sou Alboin, eu sou Elendil, eu sou Aragorn. – E, com o baú em mãos, com passos lentos e fitando com sério semblante e compenetração a lápide, foi em sua direção. Um vento quente passou a uivar e o magma da cova borbulhava e expelia negra fumaça. E andou. As passadas firmes sob os pés descalços faziam trincar o chão batido. E foi e diante da cova, olhando ao topo da lápide, parou. Estendeu, então, os braços e abriu as mãos, e o baú desceu ao subterrâneo rio ígneo, e, como com o Um Anel, desmanchou. A Torre rachou desde a base, e rangeu, esfacelou-se em densa poeira que desceu e preencheu a vazia cova, selando-a. A Queda de Artur³⁶. Ali restou uma rocha lisa e polida, límpida, entalhada claramente: “Arthur Reuel Tolkien, * 1857 | + 1896. Reencontrado por seu filho em 1944”.

A janela tremeu, mas não como se algo a estivesse batendo no lado de fora, parecia-se mais com alguém tentando sair. Um susto! Tolkien, consumido por uma noite de trabalho nas paragens do Condado, acordou de súbito. Havia dormido sob sua mesa. O recinto estava gelado, mais frio do que deveria estar lá fora, e ele tremia. Diante de si, na penumbra de aurora tímida, estava uma folha. Vazia, toda branca. “Arthur Reuel Tolkien”, escreveu. Ali estava, pois, o Pai.

MEMÓRIAS DA JORNADA – CONCLUSÃO

³⁵ López (2004).

³⁶ Tolkien (2013).

Ao longo do conto, a escritura decorrente do traço biografemático que a leitura da vida e da obra de Tolkien suscitou-me, e tomando como diretriz teórica o instrumental psicanalítico, realizou-se uma jornada onírica, através da qual Tolkien reencontrou a Mãe e o Pai e recapitulou o parricídio simbólico da figura paterna, realizado por ele através de sua obra literária, motivada sempre por dois elementos centrais: o reencontro do “colo da mãe” toda a vez que voltava-se à escrita literária e a busca por solucionar o seu “Complexo de Atlântida”, cujo simbolismo reproduziu em Númenor, sua queda sob o mar, descrita por Faramir, e sua restauração por meio de Aragorn, ambos alter egos do próprio autor.

Aquele pai que falecera nos primeiros anos de Tolkien, cuja presença real fora praticamente esquecida, mas cuja onipresença junto à mãe permeou toda a sua vida, sempre roubando dele o paraíso materno, e nunca podendo ser confrontado e derrotado por não estar presente em corpo, foi finalmente vencido por meio do espontâneo registro em literatura daquelas imagens mentais repletas de significado. Tolkien, pois, trabalhou e elaborou a figura paterna, destacando-se dela através da ruptura simbólica seguida de uma reconciliação. Desfeito esse nó, o paraíso materno da idílica infância, que aparecia em sonho só para ser destruído, deixou de manifestar-se por tal via.

Pôde-se, seguindo o instrumental teórico e técnico da psicanálise, realizar a interpretação do sonho do erudito inglês segundo o seu relato espontâneo, advindo das livres associações traduzidas em literatura, que ele entendeu terem “exorcizado” o seu “complexo”. Optou-se, para tal, pela via biografemática, tecendo escritura em forma de conto, do que se obteve uma análise do sonho feita do material mesmo do mundo idílico, do qual permiti-me fazer parte numa medular relação com Tolkien e, donde, pela sensibilidade do contato, pude obter algo para preencher e nomear a lacuna, o vazio, o punctum.

Considera-se que o produto deste encontro, que conjugou as áreas da Psicologia e da Literatura, estabelecendo uma leitura psicanalítica da obra literária e do registro biográfico por meio do método biografemático, pode contribuir no diálogo interdisciplinar e ampliar as possibilidades de utilização dos instrumentais da psicologia a partir da análise textual, enriquecendo, também, a gama de formatos através dos quais esse tipo de análise pode vir a ser apresentado. Além disso, o presente artigo representa um desenvolvimento na compreensão da vida e da obra

de J. R. R. Tolkien, podendo contribuir com os ulteriores estudos a serem realizados neste espectro.

THE TOLKIEN'S DREAM

A PSYCHOANALYTIC JOURNEY

ABSTRACT

Certain readings awaken no more than the bare limit of the words. Others, however, carry elements capable of absorbing and mobilizing the reader, acquiring their own lives and, in the relation with the reader's singularity, produce something new. This paper is the result of such encounter. From the readings of letters and books from and about Tolkien, this paper's author was touched by a recurrent dream's related to what the scholar left behind after it was literary represented. Which mechanism was acting between this dream, its elaboration and consummation? To address this unknown factor, theoretical assumptions of Freudian psychoanalysis and the methodological scope of the biographematic method, making possible the production of a writing tale from the elicited problem. The produced fairy tale is an interdisciplinary articulation between psychoanalysis and literature and suggests, from a dream's oniric symbols, an edipian conflict that was only worked by Tolkien by a symbolic parricide made in his mythological works.

Keywords: Tolkien. Psychoanalysis. Literature. Dream Analysis. Biographematic Method.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Jacques. **Vocabulário Básico da Psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao Estudo das Perversões**: Teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artmed, 1984.
- CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: Uma biografia**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- FEIL, Gabriel Sausen. O método biografemático: escritura nova em educação. **Educação**, v. 44, p. 1-14, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/29466/pdf>> Acessos em 5 de março de 2019.

FLIEGER, Verlyn. Introdução. In: TOLKIEN, J. R. R. **A História de Kullervo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. p. 9-23.

FREUD, Sigmund. **Compêndio da Psicanálise**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 9: (1909-1910)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 10: (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KYRMSE, Ronald. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LÓPEZ, Rosa S. **O Senhor dos Anéis e Tolkien: O poder mágico da palavra**. São Paulo: Devir : Arte & Ciência, 2004.

MEDNICOFF; Elizabeth. **Dossiê Freud**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

RIBEIRO, Ewerton M. Biografema, 'studium', 'punctum', fotografia - quase um método. **Em Tese**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 45-64, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/9500/8928>>. Acessos em 5 de março de 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e Folha**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **A Queda de Arthur**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

TOLKIEN, J. R. R. **As Aventuras de Tom Bombadil**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

TOLKIEN, J. R. R. **As Cartas de J. R. R. Tolkien**. São Paulo: Arte e Letra, 2006.

TOLKIEN, J. R. R. **Beowulf: Uma tradução comentada, incluindo o conto Sellic Spell**, 2015.

TOLKIEN, J. R. R. **Cartas do Papai Noel**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

TOLKIEN, J. R. R. **Mestre Gil de Ham**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **Roverandom**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

TOLKIEN, J. R. R. **The Lost Road and Other Writings**. Nova Iorque: Del Rey, 1984.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien: O senhor da fantasia**. Barueri, SP: Darkside, 2016.

3 DO TÉRMINO DESTE TCC

Como se viu da leitura do ulterior artigo, houve intenso investimento pessoal e acadêmico nesse trabalho. No conto eu coloquei muito de mim, do que sou e do que sei, e depusitei-o nas mãos do leitor e avaliador. Como se percebeu, das 74 páginas do Projeto para as 23 do artigo, precisei realizar contínuas e dolorosas decisões sobre o que preservar e o que cortar, também acerca do quanto poderia reduzir do trabalho inicial por meio de constantes exercícios de reescrita, amplamente possibilitados pelo olhar treinado e aguçado da minha orientadora. Ainda que farta porção daquilo que acabou de ser lido, com exceção do conto, tenha se nutrido da pesquisa do Projeto, tudo foi revisado, repensado e reescrito, se não duas ou três, pelo menos uma vez. Além disso, novas pesquisas precisaram ser realizadas em Psicanálise, para uma melhor qualificação teórica, e pesquisas totalmente novas sobre o Método Biografemático se desenrolaram, visto tal metodologia ter sido sugerida no advento da apresentação do TCC I.

Pontudo que a sugestão metodológica biografemática da parte da banca do TCC I, levou-me a algo absolutamente desconhecido por mim. Nunca sequer ouvira falar a respeito antes de tal método ter-me sido apresentado, resolvendo, tal qual Tolkien, um nó profundo: eu tinha a ideia deste TCC, mas labutei muito para pensar nalguma metodologia adequada para este ousado trabalho, sem grande sucesso, até Barthes e outros terem emergido diante de mim. A aventura do desconhecido, que se fez conhecido por meio da entrega, da leitura, do intenso estudo, ajudou a tornar a experiência da produção d'*O Sonho de Tolkien* algo singular e indelével.

De todos os prazeres e alegrias que tal produção produziu em mim, não posso, portanto, ignorar a amplitude do trabalho que precisou ser feito, não apenas na prática pontual da redação, mas também em todas as longuíssimas horas de reflexão solitária, de leitura dedicada, de conversas com amigos e pesquisadores, de trocas com minha orientadora... E, para não fugir do espectro desse artigo mesmo, dos tantos *insights* que me vieram em sonho. Imergi de fato nessa produção. Definitivamente, estou eu misturado a ela.

Essa mistura, é evidente, aparece sobretudo no Conto. Surpreendi-me com a experiência da escrita, que em muitas ocasiões foi espontânea, suscitando em minha mente imagens vivas, que vieram de súbito, prontas, e ganharam vida própria, redirecionando os rumos da história, cujo final acabou sendo bem diferente do

planejado, pegando-me de surpresa e mostrando-se mais coerente para os fins propostos do que a ideia anterior. Vivi um pouco do que o próprio Tolkien afirma de sua produção literária espontânea, e experimentei de modo mais claro o poder criativo da mente humana. A maior dificuldade, neste caso, foi reduzir o tamanho do conto original, que cresceu quase que sozinho em minha mente e transcendeu seus próprios limites espaciais.

Concluo reiterando a minha sensação de dever cumprido e, sobretudo, o aprazível sentimento de realização. A longa caminhada na Psicologia foi delineando meus sentimentos, minha sensibilidade, meus conhecimentos e, portanto, minhas buscas e práticas. De quem entrou na graduação com uma sutil imagem em mente, um interesse profundo, mas não claro, e foi tomando conhecimento dele ao longo dos semestres, é absolutamente gratificante ter chegado até aqui e vê-lo em letra e literatura. É claro, evidentemente, que a jornada apenas começou.